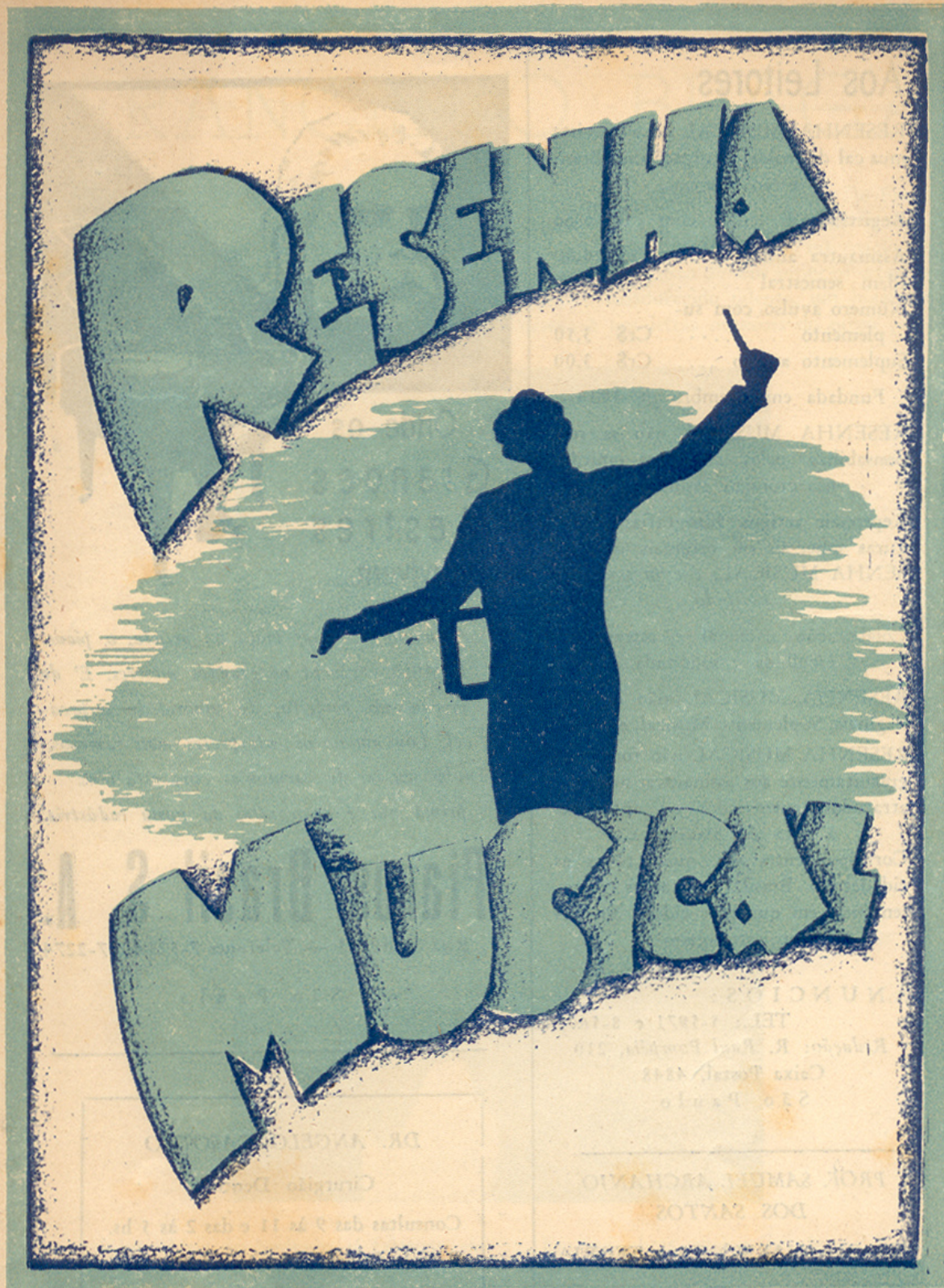




ANO VII

S. PAULO — MARÇO-ABRIL — 1945

Nos. 79/80

Diretor: CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

Caixa Postal, 4848 — S. PAULO

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acordo com a lei e no

Assinatura anual Cr\$ 20,00

Idem semestral Cr\$ 12,00

Número avulso com suplemento Cr\$ 3,50

Suplemento avulso Cr\$ 3,00

Fundada em setembro de 1938

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial. RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quase todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro

ANÚNCIOS:

TEL.: 5-5971 e 8-5602

Redação: R. Raul Pompéia, 210

Caixa Postal, 4848

São Paulo

PROF. SAMUEL ARCHANJO
DOS SANTOS

PIANO - HARMÔNIA - TEORIA

Alameda Barão de Piracicaba n.º 830

Tel.: 5-1434 — São Paulo



Onde os
Grandes
Mestres
revivem...

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. E' de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra-prima que é o orgulho da nossa indústria.

Pianos Brasil S. A.

Rua Stella, 63 — Telefones 7-5214 e 7-2274

São Paulo

DR. ANGELO GAUOTTO

Cirurgião Dentista

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.

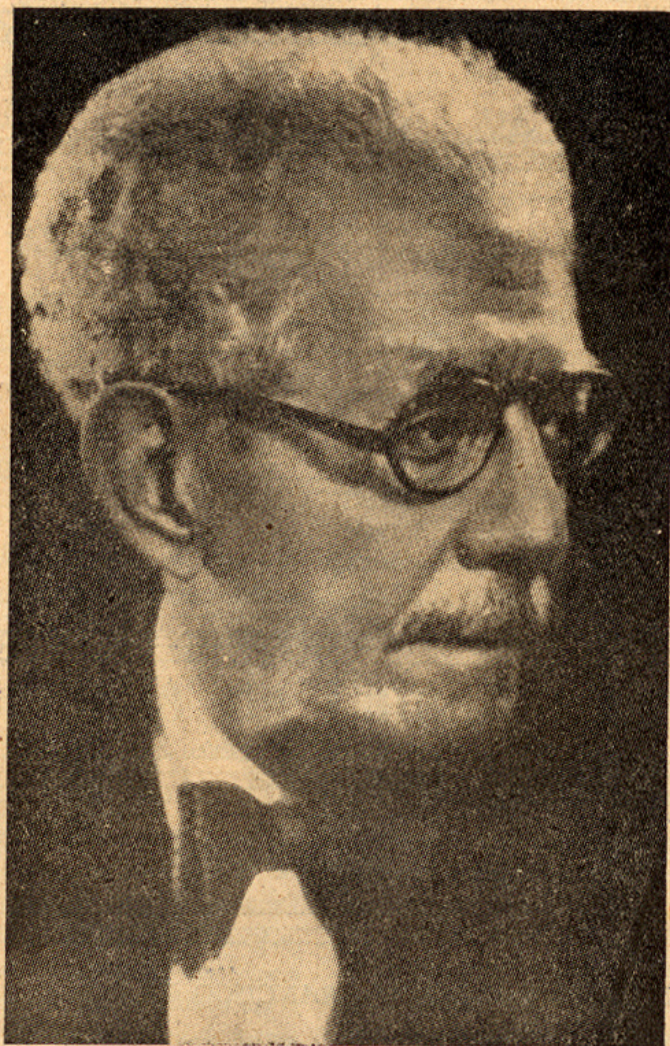
R. João Bricola, 46 - 5.º - S. 534-535

Tel.: 2-3314

FRANCISCO BRAGA

O ano de 1945, assinalará perpetuamente as datas ltuosas em que dois vultos de notavel valôr do nosso mundo musical e artístico deitaram ao lado suas penas, arrebatados pela Morte: *Mário de Andrade* e *Francisco Braga*.

cido a 14 de março deste ano. De Francisco Braga, o autor do "Hino à Bandeira", que era um artista de projeção internacional, que galgou a custo de seus próprios esforços e de seu amadurecido talento, um lugar de destaque nas letras musicais do nosso país.



Sôbre Mário de Andrade, já falámos, em nosso número anterior, o que significou a sua perda para a nossa Arte, através a palavra e o sentimento dos artistas de São Paulo. Falemos, pois, de Francisco Braga, fale-

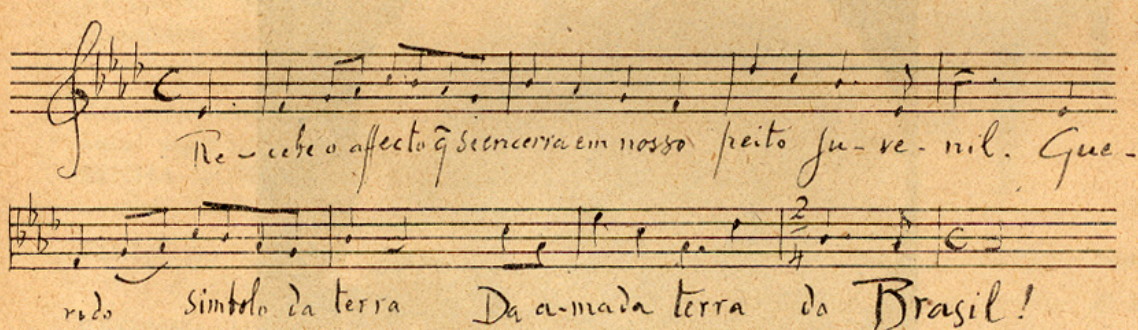
Em suas obras revelou influências de outras plagas, não deixando, mesmo assim, de ser um coração palpitante e inspirado, deixando-nos numerosas obras que o tornaram um grande compositor brasileiro.

E foi esse grande músico que encerrou a sua tarefa, depois de ter sido um ardoroso propugnador da arte musical no Rio de Janeiro, colaborando assiduamente em tôdas as atividades musicais da Capital do país. Professor da Escola Nacional de Música, regente de várias orquestras, presidente e fundador de sociedades musicais, Francisco Braga legou-nos um exemplo de capacidade digno de ser imitado.

Não sabia odiar! Para êle, o grande músico, apenas havia o sentimento "amôr" tonalizado pela fineza da expressão "fraternidade" — e, ainda, acima, pela grandeza da palavra — "Pátria".

Com amôr e fraternidade, unâmo-nos! Pela Pátria, trabalhemos! Só, somente assim, construiremos uma grande Pátria e seremos um grande povo. Esse era o pensamento de Francisco Braga e a norma que

A Resenha Musical na pessoa de seu Ilustre Diretor Prof. Clóvis de Oliveira



Re-cebe o affecto q' se encerra em nosso peito ju-ve-nil. Que-
rido símbolo da terra Da a-mada terra do Brasil!

Hymno à Bandeira Nacional (Olavo Bilac)

Botucatu, 29 Novembro 1939

Francisco Braga

MANUSCRITO DO M.^o FRANCISCO BRAGA

Coração sensível e docil, Francisco Braga só tinha palavras de carinho e de estímulo para todos. Muitos tiveram a ousadia de procurar empanar o seu valôr. Mesmo para êsses, Francisco Braga com amôr, com afeto espontâneo, perdoava-lhes as faltas.

o conduziu para a glória, para a imortalidade!

Dentre os nossos grandes mortos, inscreveu-se o nome de Francisco Braga. Descubramo-nos, pois, com veneração e respeito ante o seu túmulo em Catumbi, onde

Às prezados amigos Clóvis de Oliveira, à
sua digna esposa, vão os melhores augúrios
para o próximo ano de 1945.

FRANCISCO BRAGA Sempre recu-
nhado, agradece as atenciosas e cativantes
atenções que a "Resenha Musical" cons-
tantemente e magnificamente exagera os meritos
que sabe não possuir: mas o nobre amigo é
tão bom e generoso.....

Boas Festas.

já repousam os restos mortais de Francisco
Manuel e de Leopoldo Miguêz.

* * *

N. da R. — "Resenha Musical" em seu
n.º 17/18, publicou farta matéria sobre o

grande músico, óra falecido, e uma extensa
reportagem sobre a sua última visita ao
Estado de São Paulo, ocasião em que re-
cebeu o título de "Cidadão Botucatuense",
elevada honraria concedida pela importante
cidade de Botucatú ao emérito artista.

A 1.ª Sinfonia de Camargo Guarnieri e a critica musical paulistana

Nenhuma grande obra de arte pode ser
compreendida satisfatoriamente, no seu va-
lor ou no seu significado, logo da primeira
vez em que é apresentada ao público. As-
sim tem acontecido sempre. E' necessário
que o tempo decorra e que o público entre
mais vezes em contato com a obra. Sómente
depois disso é que ela surgirá radiosa, mos-
trando as suas louçanias e também um ou
outro minúsculo defeito, d'sposta a passar
à posteridade graças ao carinho e à com-
preensão de que se viu rodeada.

Entretanto, não deixa de ser interessante

conhecer as primeiras reações suscitadas pela
primeira audição de uma grande obra, ain-
da mais por se tratar de uma obra brasilei-
ra — a SINFONIA de Camargo Guarnieri,
que venceu em 1944 o "Prêmio Luiz Al-
berto Penteado de Rezende" e que foi apre-
sentada ao público paulista na chuvosa noi-
te de 9 de março deste ano, pela Orquestra
Sinfônica do Departamento de Cultura,
conduzida pelo próprio autor.

O concerto, todo êle dedicado às compo-
sições sinfônicas de Camargo Guarnieri,
foi um acontecimento na vida artística da

capital bandeirante, tendo sido a Sinfonia premiada bastante aplaudida pelo grande público presente. Nos dias que se seguiram manifestaram-se os críticos dos jornais. Para orientação dos leitores de "Resenha Musical", transcreveremos aqui algumas opiniões dos referidos críticos sobre a Sinfonia de Camargo Guarnieri.

"Eis que surge, mercê de um concurso, uma obra sem favor extraordinária. Realmente, na Sinfonia n.º 1, Camargo Guarnieri se aproxima do notável, sobrepuja quanto escreveu até aqui... O grande movimento da Sinfonia, a face que lhe dá visos de verdade musical, é o segundo, denominado "Profundo"... O que porém não há a discutir (exceto a extensão exagerada do movimento) é que não existe muita gente capaz de escrever páginas assim, belas e magistrais". (ARAUJO — "A NOITE" — 10 de março de 1945).

"Tôda a peça se desenvolve num ambiente intensamente moderno, muito atual. Nenhum meio ou recurso de expressão escapa à sensibilidade de Camargo Guarnieri. Já no 1.º movimento, "Rude", os temas são claramente lançados... A riqueza rítmica, o jogo agil dos timbres não escondem o pensamento melódico subjacente. A exposição é sólida e homogênea... "Profundo" é o melhor movimento da sinfonia, a nosso ver... O encanto dos temas é muito particular e delicioso o sabor dos timbres que os revestem... Esse terceiro movimento é a reafirmação da atitude do movimento inicial, não quanto ao caráter, mas quanto à função no equilíbrio da obra. O que particularmente apreciamos é a qualidade da invenção melódica, esplendidamente livre... Temos aí uma obra como as que desejou Mario de Andrade. Muito mais do que simplesmente nacionalista, é apenas "nacional"... como manifestação de cultura de um povo, muito acima do regional e do folclórico".

(Caldeira Filho — "O Estado de Paulo" — 11 de março de 1945).

"Tudo indica a presença de uma musicalidade complexa, agil, absolutamente in-

vulgar. Muita ciência orquestral, fervilhante riqueza rítmica e fulgor de colorido e sobretudo ótima exploração dos temas. Os dois tempos finais, notadamente o intermediário, dão-nos uma sensação de plenitude, com a sua sonoridade sedutora e o seu senso entranhado de comoção brasileira específica. Uma obra que "respira" fundo"...

(Ricardi — "A Folha da Manhã" — 11 de março de 1945).

"Inegavelmente Camargo Guarnieri tem um senso sinfônico apurado e belos achados de orquestração, o que faz com que esses dois tempos, o primeiro e o último possam tornar-se modelos para a nossa concepção sinfônica, embora aí ele exalte em demasia o ritmo, o que diminui a beleza da construção... O segundo tempo "Profundo" que, por si só, bastava para celebrar o nosso compositor patricio... A forma e o trabalho dos temas melódicos, a genialidade dos contracantos e contrapontos... elevaram este tempo a uma altura raras vezes atingida por sinfonistas nacionais".

(Marcelo Tupinambá — "O Dia" — 14 de março de 1945).

"A maior atenção do auditório se voltava para a inédita 1.ª Sinfonia... Numa análise rápida e muito superficial do seu conjunto, podemos desde já afirmar que se reveste de indiscutível valor. Temas ricos e variados não lhe faltam, numa orquestração igualmente colorida, inspiração fecunda, se bem que levemente desequilibrada".

(Floresbius — "Diário Popular" 13 de março de 1945).

"Com esta 1.ª Sinfonia... atinge Camargo Guarnieri, pela primeira vez, na forma sinfônica clássica, em obra de maior fôlego, o equilíbrio entre o fundo positivo da sua natureza e seus meios expressivos. Revela-se aqui uma completa liberdade de criação (por exemplo, no segundo movimento, "Profundo"), apesar da severa lógica da construção geral. A grande, a maior e mais definitiva conquista do artista, a do estilo, em que há de exprimir-se essencial



COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912

23, RUA DO THEZOURO, ESQ. 15 DE NOVEMBRO

SEDE EM LONDRES: Broad Street Place, N.º 2

Insc. N.ºs 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 14.

A Musica Russa e a Espanhola

Para "El Tamboril" — Buenos Aires, e
"Resenha Musical" — São Paulo

ALBERTO GIORDANO
Argentina

Tanto uma como a outra, possuem uma particularidade inconfundível. De tal sorte que, aos primeiros compassos, um ouvinte mais ou menos avisado poderá exclamar:

— E' russa!

— E' espanhola!

Porque nesses poucos acordes há algo que nem a filosofia, nem a técnica podem definir: "é a alma do povo".

E' a alma do povo que surge além da aparência material das notas, além de sua figuração acústica no espaço — como o sentimento detrás do sorriso (que é um simples jogo de músculos).

No intermédio de "Goyescas", de Granados, ou em "Asturias", de Albeniz, está Espanha, cálida e plena de lirismo. Não a Espanha sangrando ainda, as feridas monstruosas da guerra. Nem tampouco a de Hemingway, mentirosa, ridícula. A Espanha de Pereda, Galdós; a de Miguel Hernandez e Garcia Lorca.

Assim acontece com a Russia. Ouvir uma pagina de Mussorgski é sentir que flutua no ambiente um espírito gigantesco, como sonho de mariposa noturna projetada pela luz do *quinqué*. E' a alma da Russia, presa no indecifrado mistério das notas.

E volvamos à Espanha, para dizer que sua historia musical, é a historia do esforço dos compositores por fazer de sua arte uma interprete do povo.

e inevitavelmente o seu pensamento, está decidida".

(Livio Xavier — "Diário de São Paulo" — 14 de março de 1945).

A opinião de "Resenha Musical", está traçada na seção "Resenha Musical de S. Paulo", que se encontra em outra parte do presente número.

Muitas foram as pedras que haviam de afastar do caminho, esses homens.

Uma delas — a mais pezada, talvez — foi posta pelo ministro de Carlos III, conde de Aranda.

Proibiu representar — por ordem de Sua Majestade — obras de Cervantes, Lope, Tirso, Calderón, e uma infinidade de zarzuelas de sabor vernáculo — Idêntico destino foi imposto à chacona.

Clamoroso em princípio, o protesto dos compositores se esfria logo, ante a claudicação daqueles que se dedicam a escrever zarzuelas e óperas à italiana. (Já que o único arbitrio para alcançar a cena era desnacionalizar a arte).

Porém havia instintos poderosíssimos na multidão, que um desposta não pode torcer, porque vêm — em linha réta — do fundo e fundamental da raça.

Assim, pois, pesa a presença da primeira companhia italiana de ópera — que toca as plagas espanholas em 1703 — e contra a intromissão estrangeira nos domínios da arte propria, surge, na Espanha a chamada "tonadilla escénica", que desaparecerá aproximadamente, um século mais tarde. É genero nacional.

Posteriormente, a música espanhola lutará sem desmaios por corrigir o desvio artificial imposto à sua róta pelo decreto borbônico.

Os estudos de Felipe Pedrell, os do folclorista Barbieri e os de Olmeda de San José — com referência aos quais um crítico manifestou que "devolveram ao canto popular sua verdadeira harmonia" — estão baseados no cancionero, e constituem outros tantos esforços para restabelecer na música os perdidos foros da nacionalidade.

E, em geral, poucos são os artistas espanhóis que não tem abordado algo sobre este movimento restaurador. Manuel de

Falla, com sua "Vida Breve" e suas "Sete Canções populares", inspirados, também, na música nativa. Bartolomé Pérez Casas, com sua série "A mi tierra"; Albéniz, com sua "Pepita Jiménez" e Facundo de la Viña com sua ópera "La espigadora"; todos eles trabalharam por infundir vida nova à arte hispanica, obscurecida durante largos séculos.

* * *

Acompanhemos o leitor novamente à Rússia, para assistir o desenvolvimento de sua arte musical.

E', durante o reinado de Izabel Petrowna quando Francisco Araja — compositor e diretor de companhia lírica chegada a S. Petersburgo em 1735 — oferece ao público a primeira ópera com libreto de autor local: "A clemência de Tito". Corre o ano de 1751.

Quatro anos mais tarde, assistirá a Rússia a representação da segunda ópera nacional, "Céfalo e Procris", cantada por artistas eslavos.

Em 1772, Fomín dá a conhecer sua "Anita", ópera de ambiente russo que precede a outras dez do mesmo autor, escritas mais tarde, utilizando — pela primeira vez — motivos populares.

Reina, então, Catarina a Grande. Os trinta e quatro anos de seu governo são os mais propícios ao desenvolvimento da música nativa, em seu princípio. Registram as estatísticas, setenta e quatro óperas nacionais estreitadas. Auge que decairá com a morte da referida imperatriz e o advento ao trono do desequilibrado Paulo I.

Mais afeto às cousas militares que às artísticas, o novo tzar não se ocupa maiormente de fomentar a música. Desde então, só oito óperas tiveram visto a luz nos escasos cinco anos de seu reinado.

Cifra que ha de levantar-se outra vez — não ainda com a força do passado — quando o primeiro Alexandre toma o cetro da Rússia, em 1801.

São, então, quarenta e cinco, as óperas estreitadas.

De modo que, antes de Glinka — o cha-

mado a condensar em sua ação única, os esforços parciais de seus antecessores — havia visto a Rússia, cento e trinta óperas de caráter indígena, através as quais ia surgindo o gênio nacional — logo de uma incubação de séculos — basta concluir em coisa viva e palpável, com Glinka e Dargomiski.

* * *

Miguel Ivanovich está pensativo frente ao seu professor de composição em Berlim, Jacob Dehen. Acaba de confessar a este seu fundo desassossego pela direção que imprimirá à sua arte no futuro. O desorientam as correntes alemãs, italianas, francesas que atravessam os ambientes da Rússia, apagando os brótos nacionais, indecisos ainda...

De pronto, brilha uma chispa nos inteligentes olhos de Dehen, que se levanta de sua cadeira e exclama: — É que você não tem pensado em fazer música "russa"!

E, desde então, Glinka traça para sua vocação uma meta segura, que abrirá novos horizontes aos músicos do porvir.

"A vida pelo tzar" e "Ruslân e Ludmila" representam uma e outra o esforço do compositor por prescindir das inevitáveis muletas estrangeiras.

Com referência ao último ato da primeira ópera citada, escreveu Bellaigue:

"Nela se acham representados todos os elementos da beleza nacional. O povo, sua autoridade suprema e inclusive Deus, mesmo. Nenhuma das sagradas hierarquias se acham diminuídas nenhum rasgo de ideal, nenhum raio de apoteose do país natal..."

Tendência não distinta — no fundamental — a do autor de "A vida pelo tzar", é a de Dargomiski:

Quanto mais estudo os elementos de nossa música autóctona — disse — e mais descubro a variedade de seus aspectos.

O único que até o presente se tem preocupado por ela é Glinka, e o não abordou senão numas das fazes: a fase lírica. Pessoalmente penso esforçar-me na "Rusalka" para que resaltem — em uma nota de cor e de vida — os elementos humorísticos e dramáticos da música russa".

As trévas à liberdade impostas pela lei da

abolição da escravatura, em 1861, trouxeram — como resultado — um descontentamento contra o governo de Alexandre II. Descontentamento que se traduziu em uma corrente juvenil, encabeçada pelos intelectuais, cuja divisa era: *"Ir até o povo"*.

Foi uma reação das esperanças falidas do país. Se havia confiado que — com a derrogação do direito de servidão — o reino da igualdade se iniciaria na Rússia. Porém, ante a fraude do governo — que si bem declarava livres aos servos de gleba, impunha-lhes em troca um resgate exorbitante às suas terras — toda Rússia se mobilizou para aproximar-se do povo.

Foi ao derredor desses anos que em torno de Balakirew — músico e autodidata genial — agruparam-se Cuí, Mussorgski e Rimski-Korsakow, para formar a chamada *"Kuchka"* (pequena agrupação) a qual, mais tarde, se juntaria Borodin.

Os componentes da *"Kuchka"* foram os revolucionários da música. Opostos à corrente classicista dos profissionais, e inspirados em linha réta por Glinka e Dargomiski souberam aproveitar à maravilhas, os ensinamentos de seus mestres, imprimindo à música nativa uma diferente cor étnica.

Dêles, Mussorgsky é — provavelmente — o mais "russo". *"Kovanchina"* e *"Boris Godunov"* refletem uma e outra, os problemas nacionais em que se agitava a Rússia de então.

Balakirew — por sua arte — inclinava sua vocação, em ângulo cerrado, ao indígena.

Em suas frequentes viagens pelo Cáucaso, reunia motivos populares orientais e eslavos, que, de volta, utilizava na composição de maravilhosos *"lieder"* (folheando os quais Rimsky-Korsakow se sentia inclinado para cousas de sua pátria).

"O contáto com os cantos russos e orientais deu origem a minha predileção pela música popular, à qual me entreguei por completo, mais tarde". (Palavras de Rimsky-Korsakow).

O autor de *"Scheherezade"* aborda, assim mesmo, bastante, a música local: *"Sadko"*, *"El tzar Saltán"*, *"A cidade invisível de*

Kitezh", são exemplos que atestam o que ficou dito.

E Borodin põem seu gênio ao serviço do povo no *"O Príncipe Igor"*, obra para teatro inspirada na velha lenda *"O canto da incursão de Igor"*.

Muito outro resultou ser o caminho de Cuí. A música francesa era a onda que arrastava a miúde às plagas galianas, d'onde o compositor bebeu o alimento preciso para sua arte.

Por essa razão, a Rússia deve ao autor de *"Oriental"* o haver lutado — com os demais *"Kuchkistas"* — contra a corrente reacionária dos Laroche e os Serov.

E Tchaikowski — gênio indiscutível — é, também, infiel à sua pátria, no que toca à orientação de sua música. Sempre que pode, surgir Tchaikowski a tomar modelos e ensinamentos na velha Europa. Daí o haverem denominado — em rigôr da justiça — o "russo europeu".

Não obstante, com *"Eugenio Onieguin"* e *"A dama de pique"* o que ha de russo na alma de Tchaikowski sai à superfície, para converter-se em uma bela flôr.

Temos visto portanto — também não tem sido mais do que um rastro — como os compositores espanhóis e russos souberam interpretar com sua arte a alma do povo, sombra imensa que na realidade é a que move as rodas da história.

Em conclusão, a música russa e a espanhola denotam — ao largo de suas respectivas histórias — que ha em cada povo uma força — a alma nacional — que tende a corporificar-se nas criações artísticas, vencendo os falsos rombos impostos pelas influências estranhas ao capricho inconsciente dos poderosos.

E quando esta força logra encarnar plenamente na alma de seus artistas, é quando a música desse país adquire um particular que lhe é próprio, um "que" pessoal, insubstituível, que a destaca de todas as demais, como — no horizonte da noite — a luz da estrela se distingue do resplendor das lampadas longinquas.

Este é o caso da Espanha, e, é, também, o da Rússia.

Karo



ALIMENTO IDEAL

EM 4 SABORES DIFERENTES

Rótulo Azul

Rótulo Chocolate

Rótulo Dourado

Rótulo Vermelho

Sobremesa insuperável com panquecas, biscoitos, queijos, requeijão, sorvetes, doces, bolos, e outros fins culinários

Usado na Dietética Infantil

A BASE DE



Suportes Siebner

ORTOPEDISTA

Flexibilidade

Carateristico dos nossos suportes
Um alivio para o mal estar dos seus pés.

**RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089 - S. PAULO**

COLECIONE



o V. S. terá o melhor documentário da vida artistica nacional.

Caixa Postal, 4848

S. PAULO

«Hitler versus Wagner Nietzsche»

CARLOS PRINA

Heitor Moniz publicou recentemente na revista "Sintesis" um artigo intitulado: — "O super-homem de Nietzsche". — Tal artigo explicava que Hitler, ao retratar-se em Weimar ao lado do busto de Nietzsche cometeu uma simples arbitrariedade porque inúmeros pensamentos do grande filósofo alemão, o colocam contra o famoso ditador. Porém o mesmo artigo enumerava também alguns períodos contraditórios que poderiam ser habilmente aproveitados numa eventual justificação hitlerista, enquanto que tal justificação não seria possível quando Adolfo Hitler tivesse de explicar, não apenas do ponto de vista heróico mas também filosófico, porque escolheu o "leitmotiv" que caracteriza o puríssimo Sigfrido para iniciar e encerrar os seus comunicados de guerra, e o nome do mesmo para caracterizar a famosa linha defensiva. Esta escolha, por ter impressionado quem não conhece a "essência" filosófica da epopéia de Sigfrido, motivou por vezes estranhas antipatias às mais sugestivas páginas da Tetralogia de Wagner intitulou "O anel do Nibelungo" quais: o final da "Tempestade" (Ouro do Reno) — a "Cavalgata" e o "Encantamento do fogo" (Walkyria) — "O idílio da floresta" (Sigfrido) "A viagem sobre o Reno" e a "Marcha fúnebre" (Crepúsculo dos deuses) — Porisso, diversos intelectuais paulistas que assistiram às 4 conferências-concertos que, no fim de 1943, eu realizei em S. Paulo comentando as significações musicais, místicas, simbólicas e filosóficas da citada Tetralogia, me aconselharam escrever estas linhas para defender Wagner da injusta acusação de totalitarismo, exatamente como Heitor Moniz defendeu Nietzsche da mesma imputação. — E, como a tarefa, no meu caso, é muito mais fácil por não existir as citadas contradições de Zaratoustra, pro-

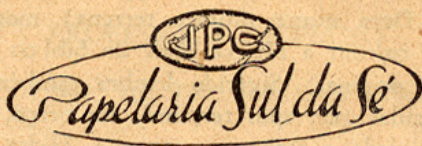
curarei satisfazer êsses intelectuais de maneira despretenciosa porém claríssima.

Bastará enunciar simplesmente o pensamento sobre o qual se baseia essa colossal teogonia de 4 óperas inseparáveis e na qual Wagner serviu-se da matemática e total aplicação dos "leitmotifs" para musicar a... filosofia não apenas alemã, como mundial pois que, hoje como nunca, a tragédia que encerra essa teogonia, resulta a tragédia da Humanidade inteira.

Nos alvares da Idade primitiva, o anão Alberico, chefe dos anões Nibelungos renunciando ao Amor (como fazem muitos homens interesseiros), força as Ondinas roubando-lhes o famoso ouro que elas custodiavam no fundo do rio Reno. O plutocrata Alberico (como o define Bernard Shaw na sua pessoal interpretação da Tetralogia) aproveita os seus míseros escravos para, fazendo-os trabalhar fabricar o sintético Anel que pela matéria que o compõe aquele tesouro, representa a riqueza e o domínio do mundo, pela sua forma que evoca a corrente, simboliza a escravidão humana. Porisso esse ouro levou a maldição sobre o mundo daquela idade primitiva, do mesmo modo que as áureas petas da Africa, do Norte America, da Russia ou do Brasil, trouxeram a maldição da guerra sobre o trágico mundo de hoje.

Pois bem, Wagner que em 1848 foi expulso da Alemanha devido às suas idéias humanísticas e revolucionárias, em companhia do seu íntimo amigo Bakunine (o famoso anárquico russo refugiado na Alemanha), afirma na sua Tetralogia que, ao ser Alberico roubado por sua vez do famoso ouro (devido às astúcias de Loge), concretizou-se a referida maldição no anatema que o anão grita no seu desespero e que ecoará seguidamente na orquestra durante as 4 óperas.

que integram "O anel do Nibelungo" para caracterizar o triste fim de TODOS os que sonharam em apoderar-se do fatal Anel, isto é, do domínio do mundo!... Primeiro o gigante Fasolt que seu irmão Fafner mata com uma tremenda paulada; depois o próprio Fafner que, não possuindo a inteligência de Alberico para escravizar plutocraticamente os homens, transformou-se num invencível dragão para... escravizar-se a si mesmo na ávara e improdutiva custódia do Anel e do ouro do Reno dentro de uma escura gruta (quantos ha no mundo que, por ignorância guardam escondido o dinheiro em cofres e colchões!...) depois, o repelente Mime, irmão de Alberico que (como fazem muitos velhos calculadores criara na floresta o heróico e anárquico Sigfrido desconhecedor do Medo, na esperança de envenená-lo logo após a sua vitoriosa luta com o dragão Fafner. O próprio Wotan, o Júpiter escandinavo e não alemão (em cuja transformação terrenal se baseia a essência filosófica da Teatologia) tendo querido, por sua vez, o Anel tirando-o do dedo de Alberico, é condenado pelo moralizador Ricardo Wagner, porque aquela concupiscência materialista maculou a sua essência divina e a sua retidão de representante máximo da Lei, cujos artigos fundamentais estão escritos na sua simbólica lança. Com efeito Wotan, após ter cedido seu reino ao neto Sigfrido (o Heroísmo) e à sua predileta filha Bruniilda (a Verdade), desaparecerá, no "Crepúsculo dos Deuses" queimando-se voluntariamente no seu cas-



TIPOGRAFIA

Impressos em geral

Encadernação - Douração

Carimbos de Borracha - Alto Relevo

P A P E L A R I A

Completo scrimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares.

Importação direta

•

José Pecora & Cia.

RUA JOSE' BONIFACIO, 325

Telefone, 2-5399 - SÃO PAULO

telo do Welhala junto com os demais deuses do Olimpo escandinavo e não alemão, (bem parecido àquele grego e que Wagner escolheu para cenário principal da Tetralogia). Mas também o próprio Sigfrido que tirara o Anel do dragão Fafner NÃO JÁ PARA DOMINAR O MUNDO mas sim para devolvê-lo às Ondinas do Reno, deverá morrer para, belíssimo holocausto, libertar o

Uma leitura que instrúe:

"ARCADIA,,

Revista da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo e representativa da cultura acadêmica

mundo do roubo e da maldição de Alberico exatamente como Jesus (também encarnado por Deus numa mulher terrena) morreu para redimir a Humanidade do bíblico pecado original. Sigfrido lembra também a Hércules que, após ter, ainda no berço, estrangulada a serpente, vence a Hidra de Herma libertando o mundo dos gigantes e dos bandidos matando, depois, o Dragão, guarda do Jardim das Espérides... e lembra outrossim o herói Jason que, durante a expedição dos Argonautas, mata o dragão que custodiava o Bezerro de ouro;... e ainda Edipo que vence a Esfinge etc....

— Era lógico, pois, que Hitler escolhesse, para anunciar os seus comentários de guerra, o majestoso motivo com que Wagner quizesse caracterizar um Herói tão sugestivo e puro!

— Porém, de quanto aqui exposto resulta incontrovertível que, não apenas Hitler como também todos os que sonharam ou sonham com o egoístico domínio do mundo, são irremediavelmente condenados pela significação moral e filosófica da Tetralogia wagneriana. Com efeito percebemos nela a eterna luta entre o Bem e o Mal com esse simpático triunfo da Bondade e da Justiça que caracteriza a maioria das óperas wagnerianas, e eis que o refulgente Lohengrin desce do Graal para proteger a infeliz Elsa contra as maquinacões infernais de Ortruda e Tetramondo... eis que Elizabéta redime o pecador Tanhauser dos tentáculos de Venus... eis que o mestre cantor de Nuremberg, Hans Sachs protege o jovem e inspirado Walter contra a inveja do grotesco Beckmesser... eis enfim que Parsifal desce por sua vez do Graal para sarar a chaga que, sangrando no costado do rei Anfortas, simboliza o pecado e a dor da Humanidade, e para converter ao Bem a pecadora Kundry que, evocando a formosa Madalena, lava os pés do novo Cristo interrompendo a procissão chefiada pelo sacerdote Gurnemanz e que durante a sexta-feira santa se dirige ao redentor templo do Santo Graal.

É, pois, sempre a religião que emenda o pecado, é sempre o Bem e a Justiça que triunfam sobre o Mal chame-se este violento



Madame! Confecções esmeradas e elegantes, em tecidos finíssimos e padrões modernos, — eis a especialidade de nossa **Secção de Modas!**

PREÇO FIXO

RUA DIREITA 250/254
RUA DA QUITANDA 157

RUA GENERAL CAMARA 9
SANTOS

**VENDAS A DINHEIRO E EM
SUAVES PRESTAÇÕES MENSAS**

cia, escravidão, vício, setarismo ou crueldade! Porisso parece-me justo de, em nome da Arte, defender o autor da Tetrologia das infundadas acusações que por vezes lhe foram feitas no inexato conhecimento da sua obra redentora e sublime que o tira da Alemanha para integrá-lo na inteira Humanidade juntamente com Bach, Mozart e Beethoven.

Sabe-se que Wagner declarou ter-se inspirado em Schopenhauer e no "Ent em si mesmo" de Hegel para a evolução humanística do seu interessante Wota (que ao, descer ao mundo sente-se perigosamente humanizar a alma (teatralmente representada por Brunilda) decidindo, então, de narcotizá-la, adormece-la entre os fogos fatuos dos preconceitos para que não prejudique o seu reino de rígido legislador. Do mesmo modo deve ter pensado no Super-homem de Nietzsche antes de criar o seu magnifico Sigfrido (pai espiritual de Mogwi e de Tarzan), porem Sigfrido nunca pronunciou nenhuma das frases imperativas de Zarathoustra citadas como contraditorias no esplendido artigo de "Síntesis" que me inspirou este comentário.

Não! Sigfrido é simplesmente o Homem de raça semi-divina (neto do deus Wotan e de uma mulher terrena da tribo dos Welses e filho de Sigmundo e Sieglinda (heróis da Walkiria) que, criado na floresta (do mesmo modo que o grego Aquiles foi criado pelo centauro Quiron) cresce purissimo de corpo, de alma e de espirito sem conhecer os preconceitos sociais nem a covardia, nem a inveja, nem a maldade, nem o medo sendo-lhe, porisso, possível não apenas matar o dragão Fafner que personifica o genio do Mal impedindo que o Anel e o outro voltem ao fundo do Rheno e eternizando, por conseguinte, a maldição sobre o mundo), mas também travessar, sem queimar-se um só cabelo, o ficticio e enganador mar de chamas que circunda o cume do Pensamento Humano, para acordar a Verdade personificada por Brunilda, amando-a e criando o Amor, UNICA lei que deverá reger o mundo, substituindo as rígidas leis do avô, as concupiscencias

MARIA PAGANO BOTANA

PROFESSORA DE PIANO

R. Clélia, 902-Tel.: 5-0129-S. Paulo

dos anões e dos gigantes, as astucias e mentiras de hoje!

Pois bem, em vez de desconhecer e condenar a obra de Wagner receiando a execução das suas paginas mais inspiradas, auguramo-nos que, no trágico ceu destes dias desponte finalmente uma Alvorada magnífica e redentora em cujo horizonte radioso apareçam idealmente irmandados (como no ultimo ato de Sigfrido) os tres grandes símbolos: Heroismo, Verdade e Amor, quais, dominadores únicos e incontestados no mundo de amanhã!

David Kopenhagen

F Á B R I C A

DE ESPECIALIDADES
EM CHOCOLATES
LOJAS EM SÃO PAULO

Matriz: Rua Dr. Miguel Couto, 41
Tel. 3-3406

Filiais: na mesma Rua, 28 - Tel. 3-4527
R. B. Itapetininga, 92 - Tel. 4-3946
R. S. Bento, 82 — Tel. 2-6733

FILIAIS, RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 183 - Tel. 42-5064
R. Ouvidor, 147- — Tel. 22-6671
e Trav. Ouvidor, 37 — Tel. 43-7238

FILIAL EM SANTOS
Praça Rui Barbosa, 33 - Tel. 0515

COMPLETO SORTIMENTO
DE CHOCOLATES E BONBONS
FINOS

FÁBRICA
R. Joaquim Floriano, 512 - S. Paulo

RESENHA MUSICAL DE S. PAULO

CLOVIS DE OLIVEIRA

A Sociedade Coral e Sinfônica de S. Paulo, a mais nova das entidades musicais da Paulicéia, realizou mais três concertos, em cujos programas participaram vários artistas dos quais muitos apresentados ao nosso publico pela primeira vez. Este por menor é de relevante significação, porquanto os novos precisam de incentivo, de mão forte que os ampare, de um publico que saiba proporcionar-lhes uma estréia auspiciosa. A S. C. S. S. P., oferece-lhes tudo isso. Assim, com esse objetivo, se efetuaram os concertos de 20 de março, 26 e 27 de abril, no salão do Conservatório, que reuniram um publico apreciador da boa música e que sabe prodigalizar ao novos rebentos da geração artística, os aplausos que bem merecem.

O exímio pianista Fritz Jank, com sua proverbial probidade, continuou a série de Sonatas p. piano, de Beethoven, sob o patrocínio do Departamento de Cultura.

Sob os auspícios do Departamento de Cultura, realizou-se um concerto com a Orquestra de Câmara, sob a direção proficiente de Leon Kaniefsky, tendo participado como solista, o violinista José de Aguiar. O conjunto de câmara apresentou-se muito homogêneo, destacando-se a execução do coral de Bach, "O homem, deplora os teus pecados", e a Sonata em fá, p. arcos, de Franz Benda, figurando, ainda, no programa, o Andante p. cordas, de Alexandre Levy, e a Sonata p. orq. de câmara, de A. Scarlatti. O maestro Kaniefsky, que tem se especializado nesse gênero, demonstrou com habil direção, a sua sensibilidade artística, através a sutileza e harmonia da execução. O violinista José de Aguiar executou com acompanhamento da orquestra, o Prelúdio em dó M., e a Sonata em lá, de Vivaldi. Depois de uma prolongada ausência o apreciado artista reapareceu com muito êxito. Sua execução, aliás, muito espontânea, firmada numa técnica apurada, ofereceu-nos uma interpretação séria das obras de Vivaldi. O excelente artista que é, sem dúvida, José de Aguiar, foi recepcionado com entusiasmo pelo publico.

O principal concerto realizado nestes ultimos tempos, na Capital paulista, foi o festival de obras do compositor Camargo Guarnieri, realizado na noite de 9 de março, sob a regência do autor, tendo prestado seu concurso a pianista Lídia Simões Prado. Com esse concerto, o Departamento de Cultura prestou uma justa e digna homenagem ao compositor Camargo Guarnieri. Antes de qualquer cousa, esclareçamos que o referido concerto foi filmado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Merece ser, aqui transcrito, o programa dessa noite memorável: I — Abertura Concertante (1942); Toada à moda paulista (1935); Concerto p. piano e orquestra (1931) — ao piano Lídia Simões Prado; II — 1.^a Sinfonia — 1.^a audição (Prêmio Luiz Alberto Penteado de Rezende para Sinfonia). Camargo Guarnieri é um compositor que de ha muito se impoz no cenário artístico da nossa terra, com larga e simpática projeção no internacional. Sua obra é bastante discutida não quanto ao seu valor — assunto indiscutível, mas quanto à técnica, temática, designação dos trechos musicais, em resumo, quanto a muito fatôres que, não sendo motivos, servem sempre para serem discutidos ou comentados. Ha quem discuta o absurdo de um "rude", "profundo" ou "radioso", assim como ha quem discuta a logicidade tradicional de um "adágio", "alegreto" ou "presto". O fato principal não resulta do assunto, pelos "bibelots" de "hall", é que a obra exista, não uma existência de gavetamento mas uma existência radiosa. E radiosa é a existência da obra de Camargo Guar-

nieri. Rad ósa não só pelos aplausos dos que a admiram e sabem subestima-la, como, também, pelo valor de que a mesma é portadora. O compositor Camargo Guarnieri, justiça lhe seja feita, é o líder da geração nova de compositores brasileiros, em cuja geração depositamos toda a nossa esperança, porque esses compositores, como Camargo Guarnieri, seguem um rumo certo na afirmação musical nossa. O concerto a que nos referimos, foi massiço, musicalmente falando. Massiço pelo que de profundo e belo pode, com exuberância, nos oferecer essa robusta formação de músico e de artista, que é Camargo Guarnieri. O Concerto p. piano, por exemplo, cheio de dificuldades pianísticas, requer um pianista de envergadura que alie às suas aptidões técnicas, absoluta firmeza rítmica e, acima de tudo, muita musicalidade. Muito bem executado o foi por Lídia Simões Prado, artista de escól, dotada das qualidades exigidas para o difícil mistér. O segredo de sua arte, consiste na naturalidade de sua execução, embuída de um entusiasmo contagioso que leva o público a aplaudi-la mal conclue os últimos acordes de uma obra. As dificuldades técnicas, às quais já nos referimos, foram vencidas com facilidade pela pianista, dada a familiarização adequada com a obra do compositor, revelando com clareza os fraseios e a riqueza de ritmos de seus compassos. A 1.^a Sinfonia, apresentada em 1.^a audição (gravemos bem este pormenor que constitúe, inegavelmente, um fato histórico da nossa música), teve confirmado pelo aplauso unânime do nosso público, o "verdictum" do juri (composto por Francisco Mignone, Arthur Pereira e Mozart Tavares de Lima) que a premiou com o importante "Prêmio Luiz Alberto Penteado de Rezende", que tanto interesse despertou no meio artístico nacional, com repercussão feliz no exterior. E, hoje, que já ouvimos a execução dessa obra magistral, podemos repetir que do Concurso Luiz Alberto, apareceriam obras sinfônicas de valor. Se não tivemos "óbras", ao menos, com valor substancial e precioso que honra a quantos concorreram ao referido concurso e a literatura musical nossa, surgiu a esta 1.^a Sinfonia, de Camargo Guarnieri, que, além do mais, honraria a bibliografia musical de qualquer país. A obra à qual já a "Resenha Musical", dedicou um número especial que foi, por feliz iniciativa, distribuído ao público presente ao concerto do dia 9 de março, mereceu, ademais, o louvor da crítica, como se pôde constatar pela transcrição presente neste número de "Resenha Musical".

Visitou São Paulo, neste período, o compositor Ernani Braga e o soprano Maria Kareska, como interprete das obras desse festejado compositor patricio. Ernani Braga, de ha muito que se achava ausente, senão nos falha a memória, a última vez que nos visitou, foi por ocasião do Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado em 1937. Durante esse lapso de tempo, andou viajando pelo país e pelo estrangeiro. Como é natural por pendôr musical, Ernani Braga aproveitou bem suas viagens, compondo sob as impressões que ia colhendo. E foram essas impressões que fixou com felicidade no papel pautado, que pudemos apreciar nos concertos que realizou. E' um compositor de valor e é muita pena que, embora tão relacionado entre os artistas seus patricios, tenha a sua obra tão pouco divulgada por esses mesmos artistas. Maria Kareska que serviu-lhe de interprete, possui uma voz bem amoldado para as obras do compositor E. Braga. A flexibilidade de sua voz não é sensível, porém, possível. Canta com arte e gosto.

Helen e Hans Bruch, pianistas bastante conhecidos em nosso meio, onde exercem, também, o magistério musical, deram para o público frequentador dos concertos do Departamento de Cultura, um recital a dois pianos, tendo constituído a 2.^a parte do mesmo, de sólos a cargo de Hans Bruch. Notamos que os artistas de São Paulo, não se dedicam com interesse por esse gênero. E de lamentar.

A Sociedade de Cultura Artística que sempre tem zelado pelo bom nome artis-

tico do nosso publico, seleccionando de modo seguro os artistas que apresenta e promovendo a realização de obras celebres da literatura musical, desta vez ofereceu aos seus socios, a cantora Alice Ribeiro, atualmente no apogeu de sua carreira. Ao piano tivemos Fritz Jank, presentemente, o acompanhador número um, crêmos que não só de São Paulo... É interessante observar, o desprezo com que os nossos pianistas vêm o acompanhamento. Porque não se entregam, também, ao cultivo dessa faceta tão importante da arte pianística como é a execução a dois pianos e a quatro mãos? Não pensem os pianistas nossos que o acompanhador é tido como uma figura secundária, sem importância. Não. Absolutamente não. O acompanhador é um outro artista que se apresenta, como no caso, Fritz Jank — ótimo pianista tanto solista como acompanhador — cuja missão não é só cooperar no êxito de outro artista, mas, sim, dividir com êle, os louros colhidos. O acompanhador infelizmente é tido entre os que assim pensam, somente como *acompanhador*, talvez esteja neste detalhe, a razão com que são afugentados os pianistas. Méra tolice. Quantas e quantas vezes um verdadeiro pianista se revela em um acompanhamento? Pois bem, Alice Ribeiro, que teve ao piano outro artista do mesmo e valioso quilate — Fritz Jank —, foi felicíssima. Sua voz estava límpida, de uma fineza simplesmente encantadora, como encantadoras, também, foram suas interpretações reveladas pelo espirito exuberantemente artístico que possui.

Tivemos, amem, um concerto promovido pelo Departamento de Cultura, do qual participaram os renomados conjuntos: Coral Paulistano, regido pelo maestro Miguel Arquerons; Trio S. Paulo (Souza Lima, piano — Trepiccione, violino e Corazza, cello) e Quarteto Haydn (Alfonsi, Schaffaman, Oelsner e Corazza).

Em abril, reapareceu a violinista Eunice de Conte, acompanhada ao piano por Camargo Guarnieri, tocando para o Departamento de Cultura. A apreciada violinista, como já tivemos oportunidade de afirmar anteriormente, ocupa lugar de destaque entre os artistas desse instrumento em nosso país. Possuidora de fundamentais conhecimentos técnicos e de uma personalidade comunicativa, ao par de uma sensibilidade refinada pelo seu espírito elevado de artista, Eunice de Conte apresenta-nos sempre execuções bem lapidadas sob os vários pontos de vista. Sua arcada é firme e sonora, permitindo-nos ao lado admirativo o prazer de ouvi-la.

O regente Eleazar de Carvalho voltou a reger a Orquestra do Departamento de Cultura, desta vez, porém, para efetuar o ciclo integral da obra sinfônica de Beethoven. Eleazar de Carvalho pela sua inteligência e dedicação acentuada, tem-se revelado um regente de pulso, feito, mesmo, para as grandes obras sinfônicas, dado o forte pendor para o grandioso, para a retumbância orquestral, onde a massa instrumental sob o seu domínio regencial pôde transmitir a sua concepção interpretativa quando, então, põe à prova a sua poética, a sua bélica, a sua rítmica, a sua qualidades constataantes a serviço da Arte.

PROF. SAMUEL ARCHANJO
DOS SANTOS

PIANO - HARMÔNIA - TEORIA
Alameda Barão de Piracicaba n.º 830
Tel.: 5-1434 — São Paulo

DR. ANGELO GAUOTTO

Cirurgião Dentista

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.
R. João Bricola, 46 - 5.º - S. 534-535
Tel.: 2-3314

Banco do Estado de São Paulo S. A.

MATRIZ :

S. PAULO — RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 251 — CAIXA POSTAL, 789

Endereço telegráfico: BANESPA

AGENCIAS: Amparo — Araçatuba — Atibaia — Avaré — Barretos — Batatais — Baurú — Botucatu — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga — Itapetininga — Jaboticabal — Jau — Jundiá — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte — Olímpia — Ourinhos — Palmital — Pirajui — Pirassununga — Presidente Prudente — Quatá — Ribeirão Preto — Rio Preto — Santo Anastacio — São Carlos — São Joaquim — São José do Rio Pardo — Santos — Tanabi — Tupã.

DEPOSITOS — EMPRESTIMOS — CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERENCIAS — TITULOS — AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES — SERVIÇO RAPIDO E EFICIENTE

TINTURARIA



Saxonia

LAVAM - LIMPAM - TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

R. B. de Jaguará, 980 - Tel. 3-7217

Agência:

R. Senador Feijó, 50 - Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO

Executam-se sob encomenda em
qualquer est. lo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo

R. ANTONIA DE QUEIROZ, 183

FONE: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 - 1.º AND.

FONE: 22-9054



SEGUROS
DE VIDA

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida

Sede: Rua 15 de Novembro, 330 - 4.º andar
SÃO PAULO